



Coleção de Literatura
Brasileira

O Ermitão da Glória

de José de Alencar

AO LEITOR

São de outro tom os singelos contos que formam este segundo volume dos Alfarrábios.

Não convidam ao riso, que tão excelente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe disso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentais uns fios de lagrimas.

Caso assim aconteça, será com bem pesar meu, pois sinceramente acho de mau-gosto lembrar-se alguém de produzir choros d'artifício à guisa de jogos de vista, quando não faltam motivos reais de tristeza e aflição.

Prometo porem desde já em expiação deste pecado literário, que o terceiro volume dos Alfarrábios irá mais brincalhão do que o primeiro.

Rio de Janeiro, maio de 1873. J. DE

ALENCAR

EPÍLOGO

Antônio de Caminha aceitou o legado de Aires de Lucena. Vestiu a esclavina do finado ermitão, e tomou conta da gruta onde aquele vivera tantos anos.

Viera àquele sítio como em santa romaria para obter perdão do agravo que fizera à imagem de Nossa Senhora da Glória, e chegara justamente quando expirava o ermitão que a servia.

Resolveu, pois consagrar o resto de sua vida a expiar nessa devoção a sua culpa; e todos os anos no dia da Assunção, levantava uma capela volante, onde celebrava-se a glória da Virgem Puríssima.

Toda a gente de São Sebastião e muita de fora ia em ramagem ao outeiro levar as suas promessas e esmolas, com as quais pôde Antônio de Caminha construir em 1671 uma tosca ermida de taipa, no mesmo sítio onde está a igreja.

Com o andar dos tempos arruinou-se a ermida, sobretudo depois que, entrado pelos anos, rendeu alma ao Criador o ermitão que a tinha edificado.

Antônio de Caminha finou-se em cheiro de santidade, e foi a seu rogo sepultado junto do primeiro ermitão do outeiro, cujo segredo morreu com ele ais tarde, já no século passado, quando a grande mata do Catete foi roteada e o povoado estendeu-se pelas

aprazíveis encostas, houve ali uma chácara, cujo terreno abrangia o outeiro e suas cercanias.

Tendo-se formado uma irmandade para a veneração de Nossa Senhora da Glória, que tantos milagres fazia, os donos da chácara do Catete cederam o outeiro para a edificação de uma igreja decente e seu patrimônio.

Foi então que se tratou de construir o templo que atualmente existe, ao qual se deu começo em 1714.

AO CORSO

Caía a tarde.

A borrasca, tangida pelo nordeste, desdobrava sobre o oceano o manto bronzeado.

Com a sombra, que projetavam os negros castelos de nuvens, carregava-se o torvo aspecto da costa.

As ilhas que bordam esse vasto seio de mar, entre a Ponta dos Búzios e Cabo Frio, confundiam-se com a terra firme, e pareciam apenas saliências dos rochedos.

Nas águas da Ilha dos Papagaios balouçava-se um barco de borda rasa e um só mastro, tão cosido à terra, que o olhar do mais prático marinheiro não o distinguiria a meia milha de distância entre as fraguras do penedo e o farelhão dos abrolhos.

Pelas amuradas e convés do barco viam-se recostados ou estendidos de bruços, cerca de dez marujos, que passavam o tempo a galhofar, molhando a palavra em um garrafão de boa cachaça de São Gonçalo, cada um quando chegava a sua vez.

Na tilha sobre alva esteira de coco estava sentada uma linda morena, de olhos e cabelos negros, com uma boca cheia de sorrisos e feitiços.

Tinha ao colo a bela cabeça de um rapaz, deitado sobre a esteira; numa posição indolente, e com os olhos cerrados, como adormecido.

De momento a momento, a rapariga debruçava-se para pousar um beijo em cheio nos lábios do moço, que entreabria as pálpebras e recebia a carícia com um modo, que revelava quanto já se tinha saciado na ternura da meiga cachopa.

— Acorde, preguiçoso! Dizia esta galanteando.

— Teus beijos embriagam, amor! Não o sabias? Respondeu o moço fechando os olhos.

Nesse instante um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo com extrema agilidade, atirou-se á ponta da verga, e travando de uma driça, deixou-se escorregar até o convés.

O desconhecido, que assim chegava de modo tão singular, era já bem entrado em anos, pois tinha a cabeça branca e o rosto cosido de rugas; mas conservara a elasticidade e nervo da idade viril.

Com a arfagem que o movimento do velho imprimiu ao navio, sobressaltou-se toda a maruja; e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe, como se o tocara oculta mola.

Nesse mancebo resoluto, de nobre e ativo parecer, que volvia em torno um olhar sobranceiro, ninguém por certo reconheceria o indolente rapaz que dormitava pouco antes no colo de uma mulher.

Na postura do moço não havia a menor sombra de temor nem de surpresa, mas somente a investigação rápida e o arrojo de uma natureza ardente, pronta a afrontar o perigo em toda a ocasião.

Do primeiro lanço viu o velho que para ele caminhava:

— Então, Bruno?

— Aí os temos, Senhor Aires de Lucena; é só fisgar-lhes os arpéus. Uma escuna de truz!

— Uma escuna!... Bravo, homem! E dize-me cá, são flamengos ou ingleses?

— Pelo jeito, tenho que são os malditos franceses.

— Melhor; os franceses passam por bravos, entre os mais, e cavalheiros! A termos de acabar, mais vale que seja a mãos honradas, meu velho.

A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão para manobrar.

Aires voltou-se para a rapariga:

— Adeus, amor; talvez nunca mais nos avistemos neste mundo. Fica certa, porém que levo comigo duas horas de felicidade bebidas em teus olhos.

Cingindo o talhe da rapariga debulhada em lágrimas, deu-lhe um beijo, e despediu-a atando-lhe ao braço uma fina cadeia de ouro, sua derradeira jóia.

Instantes depois, uma canoinha de pescador afastava-se rapidamente em demanda da terra, impelida a remo pela rapariga.

De pé, no portaló, Aires de Lucena, fazendo à maruja um gesto imperioso, comandou a manobra.

Repetidas as vozes do comando pelo velho Bruno, colocado no castelo de proa, e executada a manobra, as velas desdobraram-se pelo mastro e vergas, e o